ANO 11.º — Sexta-feira, 6 de Setembro de 1918 — Numero 540

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Considerações

—=(*)=—

. . . .
. . . .
. . . .

Os chefes degladiaram-se miseravelmente? Abandonaram se as questões internas, as mais traascendentes?

Não o recordemos. Uma pedra pesada sobre o que lá vai. O que é necessario é que se saiba que se jogou a honra da nação, partilhando-se no campo da batalha, de armas na mão, dos destinos de todos nós.

Não é nosso intento discutir de novo as circunstancias e as razões que lá levaram os nossos soldados, milhares dos quaes tem pago com a vida o seu sacrificio, mas o que queremos, e que exigimos em nome da dignidade nacional, é que se diga o que se pensa fazer, o que se continuará fazendo neste assunto da mais alta e transcendente importancia.

Desde as afirmações oportunamente feitas pelo chefe do Estado ás declarações do respectivo ministro, na Câmara, conclue se que o soldado português continuará no campo de batalha, lutando á sombra da sua bandeira, reconstituido o corpo expedicionario. Contudo, vão-se passando mêses sobre mêses, sem que se tome uma deliberação correspondente áquela que a honra nacional impõe, que os compromissos mundialmente conhecidos exigem!

E nesta indecisão, que nada ha que a desculpe nem justifique; nesta apatia, que chega já a ser criminosa, exigindo uma modificação radical, decorre o tempo e junto ás suplicas dos que agora são simples comparsas nessa grande tragedia onde já foram heroes, temos as lagrimas dos que exigem equidade entre todos quantos os mesmos deveres lhes cabem.

Ha já casos sintomaticos, mais do que isso—precisos!

Tem havido recusas seguidas de prisão de alguem que se nega a regressar onde já esteve mezes consecutivos, quando ha centenas que só tem gosado os tranquilos beneficios das promoções!

Não póde ser.

O gov rno comete um dos mais gráves e sérios erros se não reconstituir o corpo expedicionario português, sem a mais leve demora, ou então, se não justifica da maneira mais clara e formal, a rasão ou rasões por que o não faz.

Entre muitos erros cometidos, este sobrelevará todos porque está a refletir-se na maior parte do exercito, que compreende não só a sua missão como ainda a sua situação.

E entre ele, como entre todo o povo português, que tem a noção da sua honra, o descontentamento é profundo e a mágoa enorme.

Dê-lhe, pois, o govêrno imediato remedio para que se não repita a pergunta: será a Republica em Portugal uma causa perdida?

BISPO DO PORTO

Faleceu o sr. D. Antonio Barroso, figura primacial da Igreja e do Episcopado Português, a quem toda a imprensa tece os maiores elogios, lembrando os altos serviços que prestou ao país como missionario aos inhospitos sertões da Africa e que lhe crearam a auréola de simpatia com que aos 65 anos, incompletos, se despede da vida.

Era natural de Remelhe, freguesia do concelho de Barcelos, para onde o seu cadaver foi transportado.

DR. VASCO DE QUEVEDO

Partiu ante-ontem de Lisboa para Madrid, afim de assumir o logar de 1.º secretário da legação de Portugal junto da côrte de Espanha, o sr. dr. Vasco de Quevedo, ex-governador civil deste distrito.

Como dissémos no nosso numero passado, recebeu s. ex.ª á hora da partida de Aveiro, provas inequivocas do apreço em que geralmente era tido, pois numerosas pessoas de todas as categorias sociaes e várias côres politicas, estavam presentes ao seu embarque, evidenciando-se assim a gratidão e estima com que o quizeram distinguir.

Na vespera foi oferecida ao ilustre funcionario, uma rica pasta em sêda, com encrustações de prata, contendo, em pergaminho, cópia da parte da acta da Comissão Administrativa Municipal, que, em seu nome, fez a oferta, e cujos dizeres são os seguintes:

Tendo pedido a sua exoneração, que pelo governo foi concedida, o ilustre governador civil, dr. Vasco de Quevedo, que, desde dezembro de 1917, no distrito, exerceu brilhantemente o cargo:

Considerando que s. ex.ª, iniciando e mantendo firmemente uma politica tolerante e digna, teve em especial consideração os interesses morais e materiais do distrito;

Considerando que a cidade e o concelho de Aveiro, como, afinal, todo o distrito, mereceram de s. ex.ª todos os carinhos e a eles s. ex.ª dedicou todo o amor dum verdadeiro filho, quer pugnando pelo seu desenvolvimento e pelas suas regalias, quer tendo em conta especial a beneficencia e a assistencia publicas;

Considerando que o ilustre e honrado magistrado, pelo seu procedimento desinteressado, pelo muito que fez por Aveiro e pelo muito que mostrou querer a este concelho, bem mereceu os louvores do municipio;

Esta Comissão, interpretando o sentir da cidade e do concelho, de que é representante, aprova, por unanimidade, um voto de vivo agradecimento ao insigne cidadão e publicamente lhe consigna o mais caloroso reconhecimento pelos altos serviços prestados.

E bem assim, resolve enviar a s. ex.ª cópia autentica da parte da acta da sessão que contiver esta deliberação.

Igualmente a Caixa Económica de Aveiro, manifestou ao snr. dr. Vasco de Quevedo o seu agradecimento pelo muito que por ela fez, assim como a Santa Casa da Misericordia que lhe entregou uma mensagem, testemunhando os seus agradecimentos pelos beneficios recebidos e nomeando-o seu irmão bemfeitor.

Registâmos com prazer todas estas provas de estima e reconhecimento, que são, sem duvida, justas manifestações de gratidão por tudo quanto o snr. dr. Vasco de Quevedo, no seu curto consulado, fez pela nossa terra, pelo nosso concelho, pelo nosso distrito.

Trovoada

Faz hoje oito dias que, ao entardecer, se fez ouvir sobre a cidade e arrabaldes o ribombar do trovão, tendo caído proximo da Quinta do Picado uma faisca que fez com qne duas mulheres de ali perdessem os sentidos ao atravessarem o Coimbrão.

Chuva pouca; quanto monta só a necessaria para abater o pó da estrada. Em compensação ante-ontem e ontem, sobretudo de madrugada, a agua caiu a potes, exultando a população com o acontecimento que a estava demasiadamente prejudicando.

As marinhas pódem considerar-se alagadas, dando-se este ano, por terminada, a produção de sal, que foi abundante.

MADUREZAS...

—=(*)=—

Enternecidos, mesmo enternecidissimos, apressamo-nos a transmitir aos nossos leitores a seguinte sensacional noticia que muito os hade enternecer tambem:

Em alguns circulos monarquicos volta a falar-se na possibilidade da sucessão do trono, uma vez restaurado, vir a caber ao infante D. Duarte, filho varão do segundo casamento dó sr. D. Miguel de Bragança. Seus irmãos os principes D. Miguel e D. Francisco José renunciaram definitivamente aos direitos á corôa de Portugal em favor do pequeno infante que vai ser educado, com o maior escrupulo, em ordem a poder um dia empunhar o sceptro. O infante D. Duarte, segundo ouço, terá como aio o sr. visconde de S. João da Pesqueira e dar-lhe-hão tambem para seu serviço um camarista e um oficial do exercito, certamente um ex-oficial, os quaes constituirão a sua casa civil e militar. Trata-se tambem de lhe procurar mestres portuguêses. Parece que já foi indigitado para o iniciar nos segredos da lingua dos seus maiores e nas belêsas da litteratura nacional, o revd.º padre João Serafim Gomes. Vem a proposito acentuar que, segundo versões autorisadas, a familia de Bragança, exilada na Austria, está de relações cortadas com a que reside em Inglaterra. Entre os monarquicos conciliadores, sonha-se com a hipotese—o sonho não oferece novidade—do sr. D. Manuel reconhecer o primo como hordeiro.

Por aqui se conclue que não chegará a rei o sr. dr. Sidonio Paes, numero um para empunhar o sectro, segundo os adversários...

Mas se não fôr, de facto, o rei, póde vir a ser o regente durante a menoridade do nosso infante e senhor, no caso de Aires de Ornélas, conde de Agueda e Moreira de Almeida recusarem o cargo!

Que diabo dirão a isto os sebastianistas que estavam, como nunca, confiados em que o seu idolo vinha agora, aproveitando a situação politica e as bélas manhãs de nevoeiro?...

Que bons tipos!

Ultima hora

—=(*)=—

O vapor DESERTAS bombardeado por um submarino alemão

Ontem, cêrca das 17 horas, um submarino alemão de grandes dimensões emergiu ao sul da Costa Nova, em frente do vapor *Desertas*, **ali encalhado, e, após dois tiros de aviso, que pôz em fuga o numeroso pessoal que procede ao seu salvamento, rompeu um quarto de hora depois nutrido fogo contra ele, vindo, porêm, as 36 granadas rebentar na areia, sem outras consequencias.**

O panico entre a população balnear da Costa Nova foi enorme, estabelecendo-se grande confusão pelo susto de que todos se achavam possuidos, julgando uma tentativa que tivesse por alvo as habitações da praia.

Ainda que tardiamente, levantaram tres hidro-aviões que seguiram em perseguição do inimigo que, segundo informação oficial do *hangar*, **parece ter sido atingido por uma das bombas lançadas, pois apareceram á superficie do mar, largas manchas oleosas.**

Devem hoje ser feitas as respectivas pesquizas.

O caso produziu a maior sensação na cidade, como de certo a causará em todo o país.

Da Costa Nova tem já retirado algumas familias.

"O Democrata,,

Tendo-se agravado muito, ultimamente, os padecimentos do nosso director, é possivel que na proxima sexta-feira se não publique este jornal, do que desde já ficam avisados os nossos assinantes. Ainda não é uma coisa definitivamente assente. Todavía antes queremos prevenir e faltar, do que faltar sem lhes dar conhecimento do que póde vir a acontecer, caso Arnaldo Ribeiro não tenha forças para levar mais longe a soma enorme de sacrificios dispendidos desde que lhe sobreveio a doença que tanto o está martirisando.

E aproveitando o ensejo, agradecemos ás inumeras pessoas que, tanto de cá como de fóra, continuam a interessar-se pela saude do enfermo, a sua cativente deferencia.

CRESÇA O MONTE...

—=(*)=—

Lêmos em vária imprensa e textualmente o reproduzimos para edificação das gentes:

A ultima administração da junta agricola da Madeira foi, segundo consta, pavorosa. Desconhece-se, ao que se diz, qual a aplicação que tiveram mais de três mil contos! O atual presidente da junta veiu a Lisboa com um relatorio que lêu ao sr. secretário de Estado da Agricultura e em que tudo se pormenorisa. O sr. dr. Eduardo Fernandes de Oliveira ficou de providenciar no sentido de se proceder a um inquerito que permita punir os delinquentes.

Que dirá a isto o fogoso democratico e soberbo aristocrata visconde da Ribeira Brava?

PÉLA IMPRENSA

"Independencia d'Agueda,,

Acaba de passar por uma radical transformação no seu corpo redactorial, este nosso colêga de Agueda, que de orgão do P. R. P. no concelho se transformou em *semanário republicano*, apenas, tendo alêm disso sido substituido na sua direcção o medico Eugenio Ribeiro pelo dr. José Gomes da Costa e entrando para redactores principaes os srs. dr. Elisio Sucêna, dr. Abilio Napoles e Armando Castela, todos antigos republicanos, que terminaram por um grande exemplo de isenção partidaria, unindo-se para a defêsa, em comum, da Republica.

Cumprimentâmos a *Independencia* na sua nova fase.

DUELO

Na madrugada do dia 29 de agosto findo, bateram-se no Porto, á pistola, por motivo que desconhecemos, o capitão Canha Fajardo e Joaquim Rés, intendente de pecuária, que entre nós residiu alguns anos.

Trocaram-se tres balas, mas nenhum dos contendores caíu varado ou sequer foi de leve atingido por qualquer delas.

Isto, sendo Joaquim Rés um caçador eximio. Que faria se o não fôsse...

Republicanismo

—=(*)=—

Lê-se em *A Opinião*:

Esta coisa de andarmos a duvidar da fé republicana de cada um, lá porque não esteve na Rotunda intrincheirado, com uma espingarda e a cára suja de polvora, ha-de acabar um dia!

Logo a seguir á implantação do novo regimen, não havia *cão* nem *gato* (isto é um modo de dizer, porque na revolução os gatos e os cães fugiram a oito pés, que de quatro podiam dispôr) não havia—diziamos—quem lá não tivésse estado e alguns mentiam com tanta convicção que lhes parece ainda hoje que falam verdade. Os tempos passaram e passou a moda de se dizer *estive na Rotunda*, e por isso não achamos bem que os republicanos mais radicais duvidem de correligionarios que ocupam lugares em evidencia na Republica. Ou para se ser republicano de 18 quilates, é preciso andar aos tiros ás paredes e com uma bomba de clorato no bolso das calças?

Deu *no vinte* o diário vespertino de Lisboa, mas ainda não disse tudo. Faltou-lhe, pelo menos, uma ripada nos que, não tendo sido nunca republicanos, se arrogam contudo o direito de desdenharem dos que o são por convicções e sentimento, isto quando os vêem a não quererem confundir-se com tão reles adesivagem.

Nesse capitulo, então, ha coisas cá pela provincia que se a *Opinião* soubesse...

O racionamento de géneros

Foi afixado em toda a cidade de Lisboa e publicado nos jornaes, o edital n.º 1, sobre o racionamento, assinado pelo director geral das subsistencias, sr. tenente-coronel Benjamim Maia de Loureiro.

Desde o dia 16, em Lisboa, e desde o dia 23 de setembro corrente, no resto do país, fica vedada a venda directa e consumo dos géneros sujeitos a ração, sem que, pelo consumidor sejam apresentadas a *carta* e a *senha de consumo*.

Estas serão diretamente requisitadas aos armazens da Imprensa Nacional pelas camaras municipais do pais.

Estas requisições serão satisfeitas em Lisboa de 7 a 12, e no resto do país de 12 a 20.

A *carta de consumo* custa 6 centávos.

Ora aqui está um meio bom do digno presidente da Comissão Administrativa do Municipio se vingar do testa de ferro do orgão do P. R. P.: é pô-lo a meia ração...

Crime sem precedentes

—=(*)=—

Lêmos, com o horror na alma, o seguinte pavoroso caso, resultado fatal da ignorancia e da crendice criminosa inveterada no espirito popular, disposto sempre a aceitar as cousas mais inverosimeis e fantasticas:

Ourique, 26—Na aldeia de Santa Luzia, deste concelho, foi praticado ante-ontem um crime que causou horror.

Francisco Heleno, daquela aldeia, parece que desconfiado que sua infeliz mãe lhe *embruxava* dois filhos que tinha doentes, embriagou-se, e, munindo-se de um garfo de ferro, com ele tirou os olhos á desgraçada velhota que teve a desdita de o dar á luz.

Não satisfeito ainda, fez mais ferimentos no pescoço da infeliz, deixando-a quasi morta.

O malvado foi logo preso, devendo

seguir ainda hoje para a cadeia da comarca.

Da tremenda leitura que aí fica, depreende-se logo, qual foi a sua pavorosa causa—a bruxaria!

E todavia consente-se a propagação perigosa dessas teorias condenaveis de que resultam actos destes que ofendem a humanidade, ferindo-a nos seus mais altos e sagrados sentimentos!

Toda a gente sabe onde ficam as residencias das mulheres de virtude, a autoridade conhece-as, mas permite que se propaguem as mais estupendas e perigosas teorias, espalhando-se entre a população ignorante os mais perniciosos preconceitos.

Ha mezes morreu aqui, na cidade, uma creança vitimada por um ataque de vermes. O corpo da creança ficou manchado, mas como a mãe vivesse fóra da companhia do pae, logo a crendice popular concluiu que a creancinha fôra chupada pelas bruxas! E isto correu mundo e toda a gentalha acreditou na veracidade da causa da morte!!!

Ha dias um homem, padeiro por bom sinal, foi atacado de tesurelho. Não foi ao medico, mas procurou quem *talhasse* o mal, operação que consistiu em o doente submeter-se a ser-lhe posta no pescoço uma canga de bois, *cerimonia* acompanhada com o recitativo de várias orações, que por elas basta para se aquilatar do grau de estupidez que abrange o espirito de toda esta gente.

Para a *erisipéla*, temos tambem a mulher ou homem que *talha*, e para tudo o mais temos o bruxo ou a bruxa a quem a ignorancia apresenta peças de vestuario da pessoa sobre quem se pretende ouvir dissertar.

E' evidente que se houver da bruxa conselho ou opinião para que se cometa um crime—não resta duvida que ele se praticará.

Apontam-se aí a dedo pessoas até de relativa representação social, a quem a sua fraquêsa de espirito tem levado á ruina e á creação de situações gráves por dispendios em explorações de que são vitimas.

Aplicam-se beberagens, que em vez dos beneficios prometidos, trazem a loucura, sofrimentos intestinaes, mil torturas perante as quaes a sciencia é impotente para as debelar depois.

Aqui, entre nós, conhecemos um pobre marido de quem a esposa suspeita de outros amores e por isso lhe está aplicando uma beberagem na qual são misturadas dóses de fézes da suposta amante, como remedio infalivel para produzir o aborrecimento e tédio por ela!!!

Pasmoso, mas, infelizmente, absolutamente verdadeiro!

Necessario se torna uma propaganda aberta contra este perigo, na qual o cléro, querendo, poderá tomar parte muito salutar, ao mesmo tempo coadjuvando todas as autoridades que devem ser implacaveis na perseguição a tão perigosa e infame industria.

Notas mundanas

Faz hoje anos o nosso muito presado amigo e estimavel conterraneo, Francisco Vieira da Costa, que, de regresso de Lisboa onde o chamaram os seus negocios teve, na terça-feira, a grata satisfação de receber dos braços de sua amantissima esposa mais um robusto pimpolho com que acaba de vêr acrescido o seu lar e por cujo motivo duplamente o felicitâmos, desejando o pronto restabelecimento da parturiente.

— De Silves veio passar as férias judiciaes á sua casa de Ilhavo, o digno escrivão de direito daquela comarca, sr. José Guerra.

— Com egual fim, encontra-se entre nós, o snr. Orlando Peixinho, a quem agradecemos a gentilêsa de vir ao Democrata *informar-se da doença do nosso director, deixando o seu cartão.*

— Veio na segunda-feira a Aveiro passar, com sua esposa, o aniversario desta, o nosso apreciavel colaborador sr: Humberto Beça.

— Com verdadeiro jubilo recebemos tambem esta semana a visita do nosso antigo companheiro de redacção, Manuel Dias Ferreira, que nas paginas de O Democrata *conserva brilhantes artigos de propaganda republicana.*

— Regressou com sua esposa e filhos a esta cidade, o sr. Antonio Felizardo.

— Acompanhado de sua familia chegou á Costa Nova, o sr. dr. Joaquim de Azevedo e Castro, delegado do Procurador da Republica em Bragança.

Um documento

que deve correr mundo para edificação do monarquismo em Portugal

—(*)—

Meu senhor. — Tenho a honra de comunicar a V. Magestade que, nos termos assentados, escrevi ao seu encarregado de negocios em Berlim para fazer lhe saber a conveniencia que haveria em retro-trair (sic) a data da visita de V. Magestade para 20 de Novembro e nesta orientação lhe expuz, para levar ao conhecimento do ministério dos negocioo estrangeiros alemão, os argumentos e razões que me pareceram apropriados ao fim que se pretende. Julgo que isto merecerá a aprovação de V. Magestade.

Quanto ao assunto da nossa conversação no Paço das Necessidades, entendi hoje aproveitar a oportunidade de vir o marquês de Villalobar dar-me uns informes que é natural que V. Magestade já conheça pelo conde de Sabugosa para entrar com ele em conversa oficiosa sobre a conveniencia de estreitar em bases definidas as nossas boas relações politicas, visto os dois países sofrerem de um mal comum—a invasão da onda democratica. *Neste sentido lhe fiz um longo arrazoada que ele recebeu com agrado a ponto de me perguntar se queria que levasse isso ao conhecimento do seu soberano ou apenas do presidente do conselho. Fiz lhe notar que esta ideia era apenas pessoal á minha, que sobre ela não tinha consultado o govêrno e que V. Magestade nem de leve suspeitava deste meu ponto de vista,* **que a minha ideia era de que as duas nações por um instrumento secreto se comprometessem a um mutuo auxilio, no caso que** *irrompessem* (sic), **movimentos revolucionarios que puzessem, lá e cá, em risco a segurança das instituições.**

Ele concordou em que o interesse era comum e por isso reciproca a vantagem e lhe parecia que sería grato ao coroção de S. Magestade o rei D. Afonso o lembrarmo-nos dele em tal conjuntura, **independentemente das estipulações da nossa aliança com a Inglaterra.** *Entendi pôr neste pé a questão porque tinha* oportunidade (sic) *e corresponde a uma necessidade que não é só nossa mas tambem deles. O ministro compreendeu bem a minha ideia e disse-me que a ia transmitir para Espanha, a Canalejas, afirmando-me que poria nisto todo o seu empenho.*

Fiz-lhe sentir que sería bom pôr só a questão em principio e quanto á extensão e detalhes do acordo sería para regular depois quando V. Magestade e o govêrno conhecessem o assunto. Não quiz ir mais longe para me não envolver em dissertações sobre acordos economicos, que me parecem pouco convenientes agora para nós. Eis o que fis e o que me parece que diviria (sic) *fazer por enquanto, pois que este assunto, quanto ás outras acções, carece de oportunidade* (sic) *e entrados na via de explicações correriamos o risco de prejudicar os interesses que temos em vista.*

O que se me afigura necessario e conveniente é ligar os dois países numa "defêsa„ (sic) **comum, visto que as vantagens e riscos são comuns e não julgo dificil chegar-se ao desejado fim,** *tanto mais quanto as suas informações se referem a um movimento revolucionario nos dois países, com dinheiro vindo de França. Muito prazer terei se o meu procedimento merecer a subida honra da aprovação de V. Magestade, pois que outro não é o meu desejo senão de corresponder á sua confiança com a prática de actos meus que sejam acertados. Mostrou-se o marquês de Villalobar muito empenhado em saber o quer que fôsse do casamento de V. Magestade. Continuei afirmando-lhe que nada sabia porque o que se estava ainda fazendo em Inglaterra era á l'insu do govêrno, mas que logo que soubesse cousa digna de ser-lhe comunicada, lhe não faltaria com essa confidencia. Disse-me ele que o seu empenho de saber correspondia ás sucessivas perguntas que de Espanha lhe fazia o seu Soberano.*

Forse che si: forse che no.

Beijo respeitosamente as mãos de V. Magestade e em tudo aguardo, com o devido respeito, as ordens que se dignar dar ao seu ministro e subdito obediente—(a) José de Azevedo Castélo Branco—*Lisboa, 19 7-910.*

Ensino comercial

—(*)—

O que póde ser a reforma deste ensino

O ensino comercial, deve ser constituido por três gráus: elementar, secundario e superior, mas partindo sempre deste ponto de vista, para mim essencialissimo: o tempo de duração.

O ensino comercial elementar deve ser o mais possivel difundido no país, todo subordinado ao mesmo plano, simples e bréve, de harmonia com as exigencias do comercio da provincia, comercio que todo é constituido pelo pequeno comercio, pelo comercio retalhista, salvo uma ou outra excepção.

O curzo elementar de comercio nas terras de provincia de regular movimento comercial, algumas capitaes de distrito e poucas vilas póde pois ser constituido por dois anos de ensino, assim organisados:

1.º ano—Lingua portuguêsa, lingua francêsa, comercio, arithmetica elementar.

2.º ano—Lingua portuguêsa, lingua francêsa, arithmetica e geometria, comercio, geografia geral e historia de Portugal.

Para o nosso comercio provinciano, este curso chega. São os principios geraes de disciplinas todas ligadas com a profissão do comercio e cujos serviços de poquena contabilidade, não vão alêm dos programas deste curso.

Assim, a aritmética do 1.º ano, deve abranger apenas até ás operações de complexos, inclusivè, e no segundo ano deve ir até ás razões e proporções e sua aplicação aos juros simples, percentagens, cambios directos, divisões proporcionaes e regra de companhia. Nada mais.

A idade escolar, sendo mantida aos 10 anos, devemos dar como média para a frequencia do curso, o maximo 13 ou 14 anos e, em tal idade, ir mais alêm, é disperdiçar tempo e trabalho: nem o alumno aproveita porque não tem robustez, nem capacidade intelectual para isso, nem o ensino desempenha as suas funcções de preparar uma classe que precisa modernisar-se, por não sabermos aplica-lo.

No ensino do comercio o programa no 1.º ano não deve ir alêm dos documentos comerciaes e classificação de contas; no 2.º ano póde ir até á execução de uma escrita simples, toda em lançamentos da 1.ª formula e respectivos balancetes.

A operação do Balanço não deve entrar no programa do ensino elementar pelos mesmos motivos apontados para o de arithmetica.

Assim constituido, este curso, completo, e não como actualmente, tendo numas escolas certas disciplinas e noutras, outras, deve ser creado no maior numero de localidades possivel, especialmente nas capitaes de distrito, vilas importantes como Ovar, Povoa de Varzim, Amarante, Penafiel, Tomar, etc.

O ensino secundario terá como habilitação preparatoria, o curso das escolas elementares e constará de três anos, podendo ser:

1.º ano—Lingua portuguêsa, lingua francêsa, lingua inglêsa, contabilidade, comercio, historia universal e de Portugal, desenho.

2.º ano—Lingua francêsa, lingua inglêsa, lingua alemã, algebra elementar, geografia economica, historia universal, comercio, desenho.

3.º ano—Lingua inglêsa, lingua alemã, calculo comercial, elementos de direito comercial, economia politica, direito aduaneiro, comercio, sciencias naturaes.

E' claro que, na organisação deste curso, os programas são tudo, devendo portanto atender-se na sua elaboração que, devendo estes cursos ser essencialmente praticos, convem que a parte teorica não seja demasiado extensa, para não prejudicar os trabalhos da pratica, que devem ser os preferidos, sem prejuizo tambem da parte teorica para não caír no extremo oposto: o empirismo.

Seria longo expôr aqui o que penso sobre organisação de programas; limito-me, pois, a apontar as disciplinas que entendo devem constituir o 2.º gráu do ensino comercial e a fórma como ainda me parece mais conveniente dividi-las.

Em resumo teremos:

Lingua portuguêsa, 3 anos; lingua francêsa, 4 anos; lingua inglêsa, 3 anos; lingua alemã, 2 anos; geografia, 3 anos; (no 1.º ano do curso secundario, juntamente com a Historia Patria, deve repetir-se o programa da geografia geral) Historia Patria e Universal, 3 anos (a Historia no 1.º ano deve ir só até á Historia moderna, e no 2.º ano, revista do programa do 1.º ano, Historia moderna e contemporanea); direito comercial, aduaneiro e economia, 1 ano; aritmetica e contabilidade, 5 anos; comercio 6 anos.

Com um tal corpo de doutrinas o aluno que conclua o curso secundario de comercio fica possuidor de largos conhecimentos geraes e uma importante preparação da especialidade.

As escolas secundarias de comercio devem ser creadas em centros mais importantes de comercio ou população, como Brega, Porto, Lisboa, Vizeu, Coimbra e Faro.

O aluno candidato á matricula nestas escolas, bem como nas elementares, pagaria propina que poderia ser de 1$50 nas do 1.º grau e 2$50 nas secundarias; alêm disto podiam matricular-se nas secundarias, alunos com o 3.º ano dos liceus desde que apresentassem certificado de uma escola particular, cujo director fôsse diplomado, de frequencia da disciplina de comercio, durante um ano.

Ao aluno com o curso secundario de comercio, ser-lhe-ia permitido requerer exame, como externo, da 5.ª classe dos liceus, desde que satisfizesse aos respectivos programas; isto apenas com o fim de poupar a um aluno com cinco anos de estudos o exame que agora se efectua na 2.ª classe, se pretendesse passar ao ensino geral.

O ensino superior deve limitar-se a dois ou tres anos.

Ficou bem patente em anteriores artigos que nenhum dos grandes paises comerciais manteem cursos superiores da especialidade com cinco anos, como os nossos.

Paiz de bachareis, onde o titulo de doutor agregado ao nome é um irresistivel talisman para todo o bom português, que desde o simples artifice ao pequeno lavrador, se sujeita aos maiores sacrificios para ter um filho doutor, mantenha-se embora a projectada faculdade de comercio, para os endinheirados, para os benjamins da Deusa Afortunada—e o Curso Superior do Instituto de Comercio de Lisboa, póde já tomar-se esse titulo, como o tomaram as antigas escolas medicas e cursos das Politécnicas—mas criem-se os cursos superiores acessiveis a toda a gente, com dois ou tres anos de duração apenas, á semelhança do que, com incontestaveis e incontestados bons resultados e frutos, tem feito a Espanha, a França, a Belgica, a Suiça, a Inglaterra, etc.

Os cursos superiores de comercio, de que devia haver quatro ou cinco, Lisboa, Faro, Porto e Vizeu, pelo menos, poderiam ser assim organisados:

1.º ano—Economia politica, fisica e quimica, geografia comercial, comercio, algebra financeira, direito aduaneiro.

2.º ano—Portos de mar e vias de comunicação, calculo e especulações financeiras, calculo de operações comerciais, direito comercial e maritimo, historia do comercio.

3.º ano—Armamentos maritimos e industrias de mar, direito comercial e internacional, instituições comerciais, mercadorias, calculo de operações comerciais e financeiras.

Chega. Dos actuais grandes comerciantes, quais os que terão mais vasta soma de conhecimentos especiais-profissionais, que os que póde ministrar este curso?

São oito anos de estudos que bastam para a carreira comercial, para preparar bons comerciantes, para arrancar o nosso país á rotina de processos que, com os cursos de 13 anos, ainda se não conseguiu nem conseguirá tão cedo.

Mas, a reforma do ensino comercial, pelo processo e caminho que costumam levar todas as reformas, não será viavel estes anos mais chegados, dado ainda o despreso a que este ensino sempre tem sido votado.

Então, urge ao menos já:

1.º—Tornar obrigatoria a disciplina de inglês;

2.º—Separar a contabilidade da 10.ª disciplina, comercio, fazendo-se o exame daquela no segundo ano, com aplicação ás operações de comercio, no 4.º ano;

3.º—Eliminar da 5.ª disciplina o estudo do direito e economia, ficando apenas historia e geografia, e constituindo com este estudo uma nova disciplina;

4.º—Os requerimentos dos alunos externos devem ser entregues nas proprias escolas, onde o aluno requer exames;

5.º—Acabar com a iniquidade e imoralidade do pagamento das gratificações de exames aos professores pelos alunos;

6.º—Preencher com professores exclusivamente da especialidade, as vagas que de futuro se dérem nas escolas existentes e a crear, isto é, com diplomados pelos institutos comerciais;

7.º—Vedar a leccionação de nomercio e creação de cursos comerciais a individuos que não tenham habilitação legal, isto é, que não sejam diplomados com cursos da especialidade dos institutos comerciais.

Porto, 10—8—1918.

Humberto Beça

PRAIAS

Tanto a Costa Nova como a Barra estão este ano imensamente concorridas, não havendo uma unica casa para alugar apezar do excessivo preço atingido.

O carro da carreira, que começou as suas viagens diárias, mas só de tarde, com regresso no dia seguinte de manhã, estabeleceu os preços de 50 centávos para a Costa e 40 para a Barra, fazendo o trajecto sempre com a lotação completa.

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 4

A festividade da Senhora das Pressas, na Povoa, decorreu com a pompa dos anos anteriores, fazendo-se ouvir no arraial da vespera duas filarmonicas que se conservaram nos respectivos corêtos até ás primeiras horas da madrugada de domingo, tocando com geral agrado do auditorio que as escutava.

No final, e como não podia deixar de ser, por causa da tradição, entrou tambem o cacete a fazer das suas, dizendo-nos um dos notivagos que assistiu á pancadaria ter visto entrarem na Farmacia Ribeiro dois rapazes novos, um com uma brecha aberta na cabeça e o outro tambem ferido ao pé do olho direito, pelo que teve de intervir o sr. dr. Abilio Marques, cozendo ambos os ferimentos a pontos naturaes.

Não houve mortes e ainda bem.

= Caíram hoje durante o dia algumas bátegas de agua que bastante bem veio fazer aos campos, preparando-os para a sementeira dos nabos e dos pastos.

= A um rapaz de Bustos sucedeu disparar-se-lhe uma arma caçadeira, de que era portador, ferindo-o grávemente no abdomen.

Está sendo tratado pelo habil clinico sr. dr. Abilio Marques, que se esforça por o salvar.

C.

Concurso

A Câmara Municipal de Aveiro abre concurso por proposta em carta fechada pelo praso de vinte dias, que terminarão em desenove de setembro proximo, pelas catôrse horas, para o fornecimento de 12 lampadas sistema *Wizart*, de 1.000 vélas cada uma e de incandescencia a petroleo, para iluminação das ruas da cidade, estando patentes na secretaría, em todos os dias e horas uteis, as respectivas condições.

Aveiro e Secretaría Municipal aos 30 de Agosto de 1918.

O Presidente,

Lourenço Simões Peixinho